

## SINDICATO dos Trabalhadores da Função Pública

Realizaram-se, em todos os distritos do Norte, assembleias gerais dos filiados do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública. Foram prestadas informações sobre o horário de trabalho e o projecto de reclassificação, sendo debatido o problema de legalização do mesmo órgão de classe que está dependente da aprovação dos estatutos.

Em relação ao Congresso de todos os Sindicatos, foi aprovado, depois de discussão sem alternativa, o regulamento-base do Sindicato.

D. Populera  
19/10/76

19/10/76

### CENTRAL SINDICAL

«Enquanto houver neste país uma central sindical forte e aguerrida, é cada dia mais indispensável que todos os industriais, através das suas associações de classe, dêem o maior apoio ao seu órgão de cúpula, de maneira a que a voz da iniciativa privada e das entidades patronais tenha um organismo capaz de a veicular até aos órgãos do «oder». Este apelo dos patrões à «unicidade», consta da circular (confidencial), enviada pela Associação das Indústrias Navais aos seus associados.

O problema reside no apoio financeiro à C. I. P. (Confederação da Indústria Portuguesa) o «órgão de cúpula» dos patrões. Veja-se como o patronato (via C. I. P.) teme a existência de uma Central Sindical «forte, aguerrida».

## SINDICATO DOS TRABALHADORES GRAFICOS DO SUL

### E ILHAS ADJACENTES

#### MOÇÃO

Os trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas, reunidos em Assembleia Geral, depois de analisarem o projecto de regulamento do Congresso de todos os Sindicatos e considerando que:

1 — O Congresso está aberto à participação de todos os Sindicatos Portugueses, com iguais direitos, independentemente de estarem ou não filiados na Intersindical Nacional.

2 — O Congresso permitirá a discussão franca e aberta de todas as questões que preocupam os trabalhadores portugueses e o seu Movimento Sindical.

3 — Nada justifica a acção paralela das direcções subscritoras da «Carta Aberta», pois é dentro das estruturas do Movimento Sindical que os problemas dos trabalhadores devem ser discutidos.

4 — A paridade é um problema falso, que objectivamente camufla a pretensão de representatividade superior àquela que realmente têm no Movimento Sindical e por outro lado uma tentativa de tornar a CNOC inoperante e assim protelar a realização do Congresso.

5 — Existe uma Central Única dos Sindicatos Portugueses, criada no tempo do fascismo e contra o fascismo e tem sabido armar os trabalhadores nas suas lutas pela melhoria das suas condições de vida, pelas conquistas populares e seu aprofundamento na perspectiva da construção da sociedade socialista.

6 — Esta batalha pelos subscritores da «Carta Aberta» insere-se numa grande ofensiva de recuperação capitalista e serve objectivamente os interesses da CAP, CIP

## SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

### COMUNICADO

A Assembleia Geral Extraordinária convocada para o dia 14-10-76, onde se pretendia analisar a actuação da Direcção e o comportamento face ao próximo Congresso Sindical, terminou de forma lamentável.

Cedo se notou, por parte de um sector bem identificado da Assembleia, um sinal de intransigência e desrespeito pela própria Assembleia, procurando induzir a Mesa em erro de contagem e reavivando as formas antigas do boicote para a não aceitação da decisão democrática da Mesa.

A Mesa tentou por todas as formas possíveis que a Assembleia decorresse de forma normal.

Conseguiu-o até determinada altura. Com todo o burburinho provocado, foi reprovado o 1.º documento apresentado que requeria que a Assembleia terminasse à 01.00 hora.

Entretanto continuavam a afluír ao Pavilhão dos Desportos, ainda, largas centenas de sócios, e a intervenção da Direcção incidia sobre a análise da sua actuação.

Posta à admissão, para discussão, a proposta da Direcção contida no seu discurso de análise de actuação, foi esta aceite e, igualmente, aceite um requerimento que pretendia que a Assembleia terminasse às 0,30 horas e continuasse na próxima 5.ª feira.

Foi com a aceitação deste último requerimento que a situação se alterou de forma definitiva.

Incapazes de aceitar as decisões democráticas de uma Assembleia, os componentes da «orquestra» já conhecida tudo tentaram:

- Ameaças à Mesa.
- Ameaças à Direcção.
- Tentativas de boicote.
- Exigência da contra-prova da votação, através do Conselho Fiscalizador.

Ao requerimento que solicitava esta contra-prova, o Conselho Fiscalizador respondeu que, pela dificuldade inerente à grandiosidade da Assembleia e às condições em que a mesma decorria, era impossível aferir de uma forma isenta de crítica, a vontade da Assembleia, requerendo que a mesma fosse convocada por «referendum» universal e directo, sobre os assuntos em discussão.

A ideia do «referendum» obteve da Assembleia uma grande aceitação e só o barulho boicotador da «orquestra» já referida impediu que o respectivo requerimento fosse aprovado.

Baldadas todas as tentativas de continuar a Assembleia, a Mesa, depois de por mais de uma vez ter declarado solenemente que encerraria os trabalhos se o comportamento da Assembleia não permitisse a sua continuação, declarou encerrada a sessão por não estarem garantidas as condições da sua continuação, Lisboa, 18-10-76.

A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

## SINDICATO DOS ESCRITÓRIOS

### Publicidade ao serviço de quem?

A direcção do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa fez publicar ontem no nosso jornal, como publicidade paga, uma extensa série de comunicados relativos à assembleia geral extraordinária daquele organismo, realizada no passado dia 14, no Pavilhão dos Desportos. Como então noticiámos, a reunião, que foi a maior de sempre, foi bruscamente interrompida pela Mesa da assembleia, nas circunstâncias e pelas razões de que demos conta.

Tratando-se, como fica dito, de publicidade paga, competia ao «Diário de Lisboa» dar-lhe a correspondente divulgação — fiel, portanto, a uma linha de conduta que favorece a livre expressão, nas nossas páginas, das diversas formas de pensamento com relevância no movimento sindical português. Este comportamento, obviamente, em nada coarctava a possibilidade de manifestarmos o nosso próprio juízo de valor, sobre este ou outros anúncios.

É o caso: o teor do relatório e comunicados da direcção dos Escritórios, conjugada com a nossa observação jornalística e isenta da realidade, suscita-nos alguns reparos.

É pelo menos estranho, com efeito, que uma direcção sindical que se tem afirmado intrépida defensora dos processos democráticos, se abalance a dispendar nos jornais diários uma

avultada verba (dinheiro dos sócios) para fazer chegar ao domínio público, e à classe que diz representar, a sua versão, e só ela, do que ocorreu no Pavilhão, naquela noite. Milhares de trabalhadores viram o que se passou: a maioria ficou quando a direcção abandonou: a sua perspectiva não é, decerto, a da direcção. A assembleia teria, pois, uma palavra a dizer.

Pelo menos estranho que a direcção insista em divulgar, exclusivamente, a sua posição face ao Congresso dos Sindicatos, depois de uma assembleia que tornou patente de forma bem clara a discordância de uma parte significativa da classe. Aqueles que defendem o trabalho unitário no seio da comissão organizadora do Congresso de Todos os Sindicatos, contra as minúsculas reuniões de Coimbra, teriam também uma palavra a dizer. Na assembleia não lhes foi permitido expor detalhadamente a sua perspectiva: os corpos gerentes estiveram-lhe termo. Seria de esperar que, democraticamente, a direcção lhes desse guarida, *paritariamente*, nos anúncios que publica à custa dos sócios. Não o fez.

Pensará, verdadeiramente, a direcção dos Escritórios que é com atitudes desta natureza que defende a unidade da classe, a unidade dos trabalhadores e do movimento sindical?

E.L.

## DELEGAÇÃO SINDICAL JUGOSLAVA EM LISBOA

Encontra-se reunida com o Secretariado da Intersindical Nacional uma delegação da Confederação dos Sindicatos da Jugoslávia, que recentemente chegou a Portugal, para uma primeira visita oficial ao nosso país.

A visita da Confederação Jugoslava insere-se na perspectiva de manter e reforçar relações com os movimentos sindicais de todo o mundo — declarou a Anop um elemento do Departamento de Relações Exteriores da Intersindical.

O mesmo dirigente sindical manifestou a convicção de que desta visita sairão reforçadas

as relações de amizade e cooperação que a Central Sindical Portuguesa sempre manteve com os sindicatos jugoslavos.

Durante a visita a Portugal os sindicalistas jugoslavos iniciaram-se na realidade social e económica portuguesa e receberam informações sobre a actividade da Intersindical antes e depois do 25 de Abril e dos esforços em curso na preparação do congresso de todos os sindicatos (com vista ao reforço da unidade do movimento sindical português) — acrescentou aquele dirigente da Intersindical.

A Confederação Jugoslava visitará várias empresas, onde terá contactos com as respectivas comissões de trabalhadores e comissões sindicais. Esta manhã, deslocar-se-á à Fábrica de Loicas de Saracém, quarta-feira, visitará, de manhã, a Casa Hipólito, de Torres Vedras, e a tarde a «Foco», de Mafra, e na sexta-feira a firma Construções António Guerreiro.

Depois de nova reunião com o Secretariado da Intersindical na sexta-feira, a delegação jugoslava regressa ao seu país no sábado, às 11 e 30.

# SINDICATO DOS QUÍMICOS CONTRA A REVOGAÇÃO DA LEI SINDICAL

19/10/76

A direcção do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul acaba de emitir um comunicado, no qual começa por criticar a política do Governo. Afirma-se no comunicado:

«A margem das organizações de trabalhadores, o Governo revogou parte da Lei Sindical acabando com a consagração da Unidade Sindical. Neste momento estão a ser cozinhados diplomas sobre legislação de trabalho em cuja elaboração o Ministério do Trabalho defende a «participação» de patrões e trabalhadores. Para isso estabeleceu, inicialmente, através de nota oficiosa publicada nos jornais, o prazo ridículo de 15 dias para que as organizações de trabalhadores se pronunciassem sobre oito importantes diplomas cujos projectos ficaram na gaveta do dr. Marcelo Cortes».

A terminar, a direcção do Sindicato toma posição sobre o Congresso Sindical:

«Dirigentes de alguns sindicatos, ingenuamente uns, bem conscientes outros, têm conduzido uma acção propi-

cia à criação de sindicatos paralelos e de diversas centrais sindicais fomentando o pluralismo sindical que nos conduzirá à divisão. A ir por diante esta manobra poderá vir a suceder, como exemplo, que dentro da mesma empresa e no mesmo posto de trabalho possam existir trabalhadores químicos a ser representados por 2 ou 3 sindicatos, abrangidos portanto por diferentes contratos colectivos de trabalho com todas as consequências que daí advêm (diferentes salários, diferentes regalias sociais, diferentes horários de trabalho, etc.)»

## SINDICATO DOS TÉCNICOS DE VENDAS

Também o Sindicato dos Trabalhadores Técnicos de Vendas toma posição contra a política laboral do Governo, através de uma moção aprovada numa assembleia geral, na qual se denuncia «a forma como o Ministério do Trabalho resolveu «consultar» as organizações de trabalhadores sobre diversa legislação de âmbito sindical e, na sua maioria, da competência exclusiva da Assembleia da República depois da prévia audição dos sindicatos.»

A concluir o sindicato manifesta ao Ministério do Trabalho «a sua firme oposição a todas as medidas que visem a diminuição de quaisquer conquistas até hoje alcançadas pelos trabalhadores, seja de que tipo forem.»

# SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE SETÚBAL

Sede: Avenida 5 de Outubro, 121-T.º Telef. 270 47 — SETÚBAL  
Delegações: Rua Carvalho Serra, 38-B — ALMADA  
Rua Miguel Pais, 172 — BARREIRO

## COMUNICADO/CONVOCATÓRIA

19/10/76

### ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Convocada para o dia 19.10.76 pelas 21 horas, no INATEL em Setúbal tem como ponto central a discussão e deliberação sobre o Projecto de Regulamento do Congresso de todos os Sindicatos.

Embora o Regulamento do Congresso deva merecer toda a nossa atenção, outras preocupações sentem os trabalhadores, que constituíram motivo para a sua mobilização. Será na discussão colectiva dos nossos problemas que encontraremos as soluções e a força necessária para os resolver.

Isolado na sua empresa o trabalhador, não terá força nem encontrará resposta às preocupações que o afligem.

Unido a todos os trabalhadores cujos problemas são iguais multiplicados as suas forças e ultrapassará os obstáculos que lhe têm sido criados.

A diversificação dos horários (alteração no período de encerramento e abertura dos estabelecimentos) que se prepara nos gabinetes.

A legislação que deverá ser discutida pelos trabalhadores de uma forma organizada e não tem sido porque o Governo não tem cumprido o que consagra a Constituição da República.

O congelamento na prática da contração colectiva.

As formas como nos devemos organizar para dar resposta a estas e outras questões são assuntos a debater.

As medidas repressivas das nossas conquistas, responderemos com a unidade da nossa unidade e organização.

Aos avanços dos nossos inimigos de classe responderemos com a nossa mobilização serena e firme.

Unidos e organizados constituímos uma força, dispersos nada valemos.

A unidade dos trabalhadores no seu Sindicato, e a maior garantia de que as nossas conquistas serão defendidas.

#### ● O SINDICATO É A TUA OPÇÃO

POR UMA GRANDE PARTICIPAÇÃO DOS TRABALHADORES  
PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES  
PELA UNIDADE DO MOVIMENTO SINDICAL

Setúbal, 18.10.76

A DIRECÇÃO

#### ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Congresso dos Sindicatos
  - a) Informação
  - b) Discussão e deliberação sobre o Projecto de Regulamento
- 2 — Delegados Sindicais e Previdência
- 3 — Contração

NOTA: Os trabalhadores deverão ser portadores do cartão de sócio.

PUB

## Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica do Distrito de Lisboa

### MOÇÃO

Trabalhadores metalúrgicos reunidos em Assembleia Geral Extraordinária no dia 15-10-76, no Pavilhão dos Desportos, tendo conhecimento do andamento das negociações do C.C.T. Vertical e do boicote do patronato dos ramos de cutelaria e automóvel, decidem:

- 1.º — Manifestar todo o seu apoio à Comissão Sindical Negociadora.
- 2.º — Exigir que as negociações avancem rapidamente.
- 3.º — Afirmar que os metalúrgicos estão preparados para o combate e que lutarão até às últimas consequências pelo C.C.T. Vertical.
- 4.º — Afirmar que, tal como no passado, hoje e no futuro, nada nem ninguém vergará os metalúrgicos.

APROVADA POR MAIORIA

## COMUNICADO

Em centenas de reuniões, realizadas nos locais de trabalho, em que os metalúrgicos discutiram o Projecto de Regulamento do Congresso de todos os Sindicatos, recusaram por esmagadora maioria as alternativas àquele projecto, reflectindo assim o consenso dos trabalhadores portugueses.

Igualmente na Assembleia Geral realizada no passado dia 15-10-76 no Pavilhão dos Desportos, com larga participação, os metalúrgicos decidiram por maioria, aprovar o Projecto de Regulamento apresentado pela CNOP.

Decidiram ainda apoiar a realização do Congresso de todos os Sindicatos, evidenciando mais uma vez, a sua maturidade e inabalável vontade de reforçar a unidade de todos os trabalhadores.

A DIRECÇÃO

# CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS

## CONVOCATÓRIA

DR. República  
19/10/76

No cumprimento das deliberações tomadas por unanimidade, da Reunião Geral dos Sindicatos, realizada em 4/9/76 no I.S.T. em Lisboa, convocam-se TODAS AS ASSOCIAÇÕES SINDICAIS PORTUGUESAS para uma Reunião Geral de Sindicatos a realizar nos próximos dias 23 e 24 de Outubro, com início às 10 horas, em Lisboa, nas instalações da FIL (Feira Internacional de Lisboa), à Junqueira.

### ORDEM DE TRABALHOS:

1. APROVAÇÃO DEFINITIVA DO REGULAMENTO DO CONGRESSO DE TODOS OS SINDICATOS.  
— PELA UNIDADE DOS TRABALHADORES.  
— PELA REESTRUTURAÇÃO DA INTERSINDICAL NACIONAL, CONFEDERAÇÃO GERAL DOS SINDICATOS PORTUGUESES.
2. ELEIÇÃO DA COMISSÃO NACIONAL ORGANIZADORA DO CONGRESSO.
3. MARCAÇÃO DA DATA DE REALIZAÇÃO DO CONGRESSO.

### QUE TODOS COMPAREÇAM

A CNOP apela para todas as organizações sindicais — mesmo as que ainda não tenham participado nos trabalhos preparatórios preparatórios — para que estejam presentes na reunião geral dada a importância de que a mesma se reveste para a unidade dos trabalhadores portugueses e do seu movimento sindical.

É oportuno realçar que o trabalho desenvolvido por esta comissão e pelas comissões dinamizadoras distritais, tem vindo a reforçar a unidade do movimento sindical e permitindo que sindicatos inicialmente afastados ou alheados dos trabalhos preparatórios do Congresso tenham vindo progressivamente a integrar-se dando assim o seu contributo para o êxito do Congresso de Todos os Sindicatos Portugueses.

Lisboa, 12/10/1976.

A Comissão Nacional Organizadora Provisória do Congresso

# SINDICATO DOS PROFESSORES

## da Grande Lisboa

### CONVOCATÓRIA

DR. República  
19/10/76

A pedido de 200 sócios (ponto 3.4.1 dos Estatutos) convocam-se todos os professores sindicalizados de todos os sectores de ensino, para um plenário a realizar no dia 21 de Outubro, pelas 20,30 horas na Aula Magna da Reitoria da Cidade Universitária.

O. T.

1. Discussão do Regulamento do Congresso dos Sindicatos
2. Votação das Alternativas

A DIRECÇÃO

## COMUNICADO DA DIRECÇÃO

### A TODOS OS PROFESSORES

A Direcção do Sindicato convoca todos os professores sindicalizados para um plenário a realizar, por proposta de um grupo de sindicalizados.

O objectivo do plenário é discutir sobre o Congresso dos Sindicatos e das formas de construirmos a unidade com todos os trabalhadores.

A posição da direcção é clara: é a posição defendida no seu Programa de candidatura no qual votaram mais de 50 % dos professores.

A nossa posição é a defesa intransigente da unidade, unidade que infelizmente ainda não existe, mas que é possível conquistar. Todos os trabalhadores a desejam, todos os trabalhadores deste país querem uma Central Sindical Única, democrática e independente.

A forma de o conseguir não passa pelo 2.º Congresso da Intersindical, de que os trabalhadores não esquecem a política sindical seguida pelo seu Secretariado durante dois anos e meio, e por isso a rejeitam.

Passa sim pelo Congresso preparado na base de uma Comissão Organizadora responsável, uma Comissão Organizadora na qual as diversas tendências do movimento sindical tenham a possibilidade de exprimir e defender os seus pontos de vista, que são os pontos de vista de centenas de milhares de trabalhadores, tanto dum lado como doutro.

É por isso que defendemos a paridade da Comissão Organizadora.

Quem tem medo da paridade?

Nós e os outros trabalhadores não temos medo da paridade.

Nós e os outros trabalhadores não temos medo da unidade.

Em vários sindicatos têm-se realizado plenários para discutir esta questão.

A Direcção Sindical da Grande Lisboa constata que em todos eles tem havido ataques, calúnias, assobios, tentativas de provocar conflitos impeditivos da prática da democracia nesses plenários.

— Constata que as tentativas para impedir a democracia no seio dos plenários vêm da parte daqueles que dizem defender também a unidade.

— Pensa que ataques, calúnias e assobios só podem ser feitos por quem quer a cisão.

A Direcção do Sindicato dos Professores não aceita estes métodos.

Se no plenário convocado para discutir estas questões, não houver o respeito pelas opiniões de cada um, não houver a liberdade de discussão, a Direcção do Sindicato desde já avisa não dar o seu aval a tal plenário.

A Direcção apela para que todos os professores venham ao plenário, participem nele activamente, sem medo e sem coacções, para que este plenário possa ser um passo decisivo na clarificação de todas estas questões, para que de parte a parte, sejam discutidos os problemas que nos preocupam com o objectivo único que nos deve determinar a todos: construir a Central Sindical Única, democrática e independente, onde todas as correntes de opinião, existentes no seio dos trabalhadores, tenham direito e possibilidade prática de expressar-se.

Lisboa, 18 de Outubro de 1976

A DIRECÇÃO

## Representantes da inter nos Açores

Luz 19/10/76

A discussão de questões relacionadas com o próximo «Congresso dos Sindicatos» foi o objectivo dos contactos que dois representantes da Intersindical mantiveram nos Açores.

Segundo a agência Anop, Virgílio dos Santos, do Sin-

dicato dos Metalúrgicos de Setúbal, e José António Mor-te, da União dos Sindicatos de Torres Novas, efectuaram contactos com organismos sindicais de S. Miguel, deslocando-se ainda ao arquipélago da Madeira com o mesmo fim.

# Entradas de leão e saídas de sendeiro.

No tumulto da última quinta-feira, quando os dirigentes do Sindicato dos Escritórios de Lisboa deixavam a sala sob uma vaia estrondosa, um trabalhador gritou para o bando de fugitivos: «Vocês têm medo da verdade, mas estão muito enganados se julgam que para mudar a história basta fechar os olhos à verdade. Vocês levam a mentira; a verdade ficou aqui com os que não fugiram!»

Essa jornada no Pavilhão dos Desportos não ficará apenas a assinalar uma grande derrota daqueles que pretendem dividir os trabalhadores. Será recordada também como um marco importante no caminho que leva ao fortalecimento da unidade do movimento sindical.

A cada dia que passa, o grupo da chamada «Carta Aberta» aparece mais isolado. Os esforços desesperados que desenvolveu para provocar cisões e as calúnias que acumulou contra a Intersindical produziram um efeito contrário ao pretendido. Desafiados, os trabalhadores reagiram unindo-se diante do perigo. Nas últimas semanas centenas de milhares, de múltiplos sectores, reuniram-se em grandes plenários e discutiram e aprovaram o projecto de regulamento do Congresso de Todos os Sindicatos, elaborado pela Comissão Nacional Organizadora Provisória. Verifica-se, assim, precisamente o contrário do que o grupo da «Carta Aberta» esperava e havia anunciado com tranquila irresponsabilidade. Os trabalhadores redem-se a nível de empresa, de localidade e, depois, de sindicato para debates amplos e profundamente democráticos. Nesses plenários as dúvidas são desfeitas no diálogo e o resultado é o fortalecimento da unidade, uma compreensão mais clara do papel do sindicato e da necessidade de defender a Central Única.

Quando lêem nos jornais entrevistas ou declarações do ministro do Trabalho ou acompanham pela TV as comunicações ao País do Primeiro-Ministro os trabalhadores não se deixam iludir por promessas demagógicas nem recuam por força de críticas e ameaças. Eles conhecem os seus direitos, estão dispostos a defender as conquistas da Revolução e não precisam de receber lições sobre a necessidade de estabelecer uma fronteira nítida entre o trabalho sindical e o trabalho partidário. Quem demonstra desconhecer o que seja independência é o grupo de direcções sindicais que recorre a todos os meios na sua ânsia de dividir os trabalhadores, o grupo da chamada «Carta Aberta», que nega na prática os princípios democráticos que ele próprio invoca. Proclamam esses senhores ser favoráveis a uma Central Única, mas combatem com fanatismo a Central Única dos trabalhadores portugueses — a Intersindical. Afirmam que os partidos não devem intervir no movimento sindical, mas, além de usarem todos os argumentos do arsenal do partido do governo, procedem como se o seu objectivo final fosse a criação de sindicatos paralelos, de sindicatos que tenderiam a agrupar-se numa central colocada sob a égide do grande patronato, igualzinha a dezenas de outras espalhadas pelo mundo e que funcionam como instrumentos doces do capitalismo e do imperialismo.

O grupo da chamada «Carta Aberta» apresentou-se há meses com entradas de leão. As saídas prometem ser de sendeiro, se tomarmos como ponto de referência as fugas indecorosas dos dirigentes dos Sindicatos dos Escritórios e dos Bancários de Lisboa. Os factos confirmaram que essas direcções sindicais carecem de um mínimo de condições para representar os milhares de trabalhadores em nome dos quais pretendem falar. Num momento em que o movimento sindical está empenhado num grande debate nacional em defesa da unidade, essa gente foge à discussão e recorre a métodos francamente reaccionários — a métodos e técnicas que eram aplicados nos tempos de Salazar e Caetano. À tentativa de manipulação de uma assembleia segue-se a falsificação de votações e, finalmente, a recusa do diálogo e a fuga. Por si só, a publicidade milionária feita pela direcção do Sindicato dos Escritórios na sua ânsia frenética de vender a mentira por verdade define o nível ético dos homens que falam hoje em nome de uma das mais numerosas categorias profissionais. «o diário» recusou as dezenas de contos que lhe proporcionaria a publicação desse anúncio provocatório. Mas o texto acabou por ser publicado nas colunas de outros órgãos de Informação. Foram, portanto, os próprios trabalhadores que no Pavilhão dos Desportos vaiaram uma direcção em fuga quem acabou por pagar os duzentos contos (ou mais) que terá custado a chuva de anúncios provocatórios em que se ofendia a dignidade dos trabalhadores e se fazia a apologia da «Carta Aberta».

Os trabalhadores já perceberam quem está com eles e quem manobra para destruir a unidade no movimento sindical. E isso ficará muito claro no fim da semana, quando, em reunião geral de sindicatos, for aprovado o regulamento do Congresso de Todos os Sindicatos e eleita a sua Comissão Nacional Organizadora.

PUB

## SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE SETÚBAL

### COMUNICADO

De acordo com o compromisso assumido pela Mesa da Assembleia Geral deste Sindicato, reunida em sessão extraordinária no passado dia 13 Out. 76, no Salão do INATEL em Setúbal, tornamos públicas as decisões que resultaram da primeira parte da referida reunião:

- 1.º A reunião desta Assembleia Geral terá continuidade, com a mesma Ordem de Trabalhos, no próximo dia 20 Out 76, pelas 21 horas, nas instalações do INATEL;
- 2.º Foi deliberado que o Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Setúbal se desvinculasse da CARTA ABERTA, a que tinha aderido por iniciativa e deliberação da Direcção;
- 3.º Foi deliberado que este Sindicato se integrasse imediatamente na Comissão Dinamizadora Distrital e participasse nos trabalhos em curso;
- 4.º Que fossem distribuídos pelos trabalhadores representados por este Sindicato os projectos de Regulamento para o Congresso dos Sindicatos, a fim de o mesmo ser analisado e discutido nos locais de trabalho e serem presentes os respectivos resultados à segunda parte dos trabalhos da Assembleia Geral a realizar em 20 Out. 76;
- 5.º Foi, ainda, aprovada uma Moção com o seguinte teor:

Considerando que:

- a) A Direcção do Sindicato tem tido atitudes menos correctas, não sendo ouvidos, os trabalhadores;
- b) A Direcção do Sindicato tem tomado decisões de cúpula, sem consultar previamente os trabalhadores;
- c) Em nome dos trabalhadores tem alinhado em posições divisionistas e extremamente nefastas para o Movimento Sindical.

Os Trabalhadores de Escritório do Distrito de Setúbal, reunidos em Assembleia Geral Extraordinária em 13 Out 76, nas instalações do INATEL de Setúbal, DECIDEM:

- 1.º Que a Direcção abandone as reuniões da Carta Aberta;
- 2.º Que a Direcção passe a fazer parte da Comissão Dinamizadora Distrital para o Congresso;
- 3.º Que a Direcção distribua a todos os trabalhadores o Projecto de Regulamento do Congresso de todos os Sindicatos;
- 4.º Que fique marcada a data para a continuação desta nossa reunião de Assembleia Geral Extraordinária para o próximo dia 20 Out. 76 na qual será aprovado o Regulamento do Congresso.

Salão do INATEL em Setúbal, 13 Outubro 1976.

- 6.º Finalmente, deliberou-se que as decisões tomadas até à interrupção dos trabalhos fossem tornadas públicas através dos órgãos de Informação.

NOTA: A Mesa da Assembleia Geral, tendo tomado conhecimento de que alguns representantes da Imprensa foram impedidos de entrar na sala onde se realizou a reunião, esclarece que, tal atitude não foi resultado de uma sua decisão e lamenta a ocorrência.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

ARTÍLIO VASCO DE PINHO BAPTISTA

PUBLICIDADE

## SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO NORTE

2.ª SESSÃO  
DA ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINARIA  
DE 15 DE OUTUBRO DE 1976  
CONVOCATÓRIA

Usando da competência que me confere a alínea a) do art.º 34.º dos Estatutos, convoco, a Assembleia Geral deste Sindicato para reunir em 2.ª SESSÃO no dia 20 de Outubro de 1976, pelas 21 horas, no Pavilhão do Académico Futebol Clube, sito à Rua de Costa Cabral, nesta cidade, com a

Ordem de Trabalhos

CONGRESSO DOS SINDICATOS

- b) Projecto de Regulamento do Congresso distribuído pela Comissão Nacional Organizadora Provisória (C. N. O. P.).

Porto e Sindicato dos Bancários do Norte, 18 de Outubro de 1976.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Manuel António Araújo dos Santos

## BANCÁRIOS do NORTE

Na última 4ª feira - ao mesmo tempo que a Assembleia dos Bancários do Sul e Ilhas - reuniram-se as associações dos Bancários do Norte. A reunião, que começou com 900 trabalhadores, foi bastante concorrida e o debate foi muito vivo.

Surgiram várias propostas, mas todas as correntes foram obrigadas a pronunciar-se sobre o Congresso Sindical, quando a direcção (PPD) se prepara para se desvincular da Intersindical, com uma posição que se declara independente mas que é na realidade de boicote ao movimento sindical organizado. Ainda há pouco a direcção abandonou a Carta Aberta sem dar grandes explicações aos sócios.

Por isso, as duas principais propostas foram muito discutidas. Militantes do PCP defendiam que a direcção devia participar na "reestruturação da Central Sindical", logo, no Congresso, exigiam que a direcção combatesse o pluralismo e que dinamizasse a discussão preparatória do Congresso. Nesta perspectiva, o PCP aceita que a direcção do PPD fale em nome do sindicato no Congresso,

quando é a própria assembleia mostrada como é pouco representativa e como uma larga maioria de trabalhadores combate as posições desta corrente burguesa.

Mas a proposta viria a ser aprovada com 439 votos a favor, 364 contra e 3 abstenções.

A outra proposta, derrotada, avançava:

1. a direcção ficava vinculada a participar no plenário geral dos sindicatos
2. que a direcção interviesse nos trabalhos preparatórios do Congresso.
3. que a direcção cumprisse as decisões do plenário geral de sindicatos.
4. que a assembleia dos bancários exigia que a CNOP fosse unitária, englobando todas as correntes sindicais sem sectarismo nem manipulação burocrática.
5. que os delegados fossem eleitos em Assembleia Geral do sindicato, e após debate sobre as divergências no movimento sindical.

Esta moção, recusada por 303 contra, 234 a favor e 12 abstenções, ti-

nha sido apresentada pela Frente de Intervenção Sindical dos Bancários, estrutura de coordenação de militantes sindicais que nasceu nas últimas eleições para a direcção. Agrupando várias correntes, a sua proposta é ambígua - não defendendo marcadamente a paridade na CNOP e a eleição dos delegados na base de tendências que se devem formar - mas marca uma divergência fundamental com a proposta do PCP: defende a democracia directa dos trabalhadores e começa a opor-se às manobras burocráticas.

Na próxima AG, sobre o Regulamento do Congresso, poderemos ver até que ponto é que a clarificação interna desta Frente de Intervenção lhe permitirá demarcar-se do projecto da CNOP e das emendas secundárias dos Rodoviários e Textéis, definindo também a sua posição sobre as questões fundamentais para a organização de um Congresso Democrático de todos os Sindicatos: paridade, e eleição directa dos delegados, directo de tendência.

O DIÁRIO

LISBOA

20 OUT. 1976

### CONTRA O DIVISIONISMO

## Dirigente dos Bancários apresenta demissão

Na sequência dos acontecimentos da última assembleia-geral do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, demitiu-se o dirigente daquela organização de classe, Telmo Vieira, "por divergências - segundo nos comunicou - com a maneira como têm sido conduzidos, pela direcção, os trabalhos relacionados com o Congresso de Todos os Sindicatos".

O dirigente sindical acentua ainda que a actuação da direcção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, defensora da chamada "Carta Aberta", se tem mostrado "tendente à cisão dos trabalhadores e à oposição à central sindical única, dando origem à introdução do pluralismo sindical", no nosso País.

A demissão de um dirigente dos bancários - cujo sindicato, porventura, é o mais influente do grupo divisionista da "Carta Aberta" - regista-se num altura em que é cada vez mais evidente o descrédito total das direcções sindicais que se orientam contra o Movimento Sindical Unitário, como o provam os sucessivos reveses que vêm enfrentando nas assembleias gerais de sindicatos que contavam como "seus". Ainda recentemente a direcção do Sindicato dos Correios e Telecomunicações abandonou a comissão de redacção da "Carta Aberta" pelos mesmos motivos.

Entretanto, ontem à noite, em Lisboa, as assembleias gerais dos Sindicatos da Construção Civil e dos

Enfermeiros do Sul aprovaram, na íntegra, o projecto de regulamento do Congresso de Todos os Sindicatos elaborado pela CNOP (Comissão Nacional Organizadora Provisória).

Por unanimidade, os trabalhadores da construção civil, que enchiam completamente o salão da "Voz do Operário", aprovaram o projecto de regulamento do Congresso, ao mesmo tempo que repudiavam veementemente a actuação divisionista do grupo da "Carta Aberta" e davam um voto de confiança à direcção do seu sindicato, membro eleito da CNOP.

Na assembleia do Sindicato dos Enfermeiros, o projecto foi aprovado com apenas um voto contra e nove abstenções.

20 OUT. 1976

Lisboa

**Congresso dos Sindicatos**

# Direcção dos bancários contra-ataca

A Direcção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas reuniu ontem uma Conferência de Imprensa, na qual apresentou a sua versão sobre a forma como decorreu a controversa Assembleia Geral dos Bancários e descarregou o seu fel, do qual destacamos a "determinação em mobilizar os trabalhadores para grandes acções de massa contra o Congresso dos Sindicatos", justificada por este "excluir milhares de trabalhadores", e de "resisitir à calúnia, violência e ao golpismo".

Um representante da mesa da Assembleia Geral afirmou ter havido uma "nitida orquestração por parte de forças manipuladoras dos trabalhadores", que teria dado origem a um clima de terror.

As votações teriam sido viciadas por "peões" estrategicamente colocados de modo a dar uma falsa ideia do seu resultado, queixando-se a mesa igualmente de uma tentativa de agressão de que ela própria teria sido vítima, e uma obstrução à passagem dos sócios afectos à "Carta Aberta" quando a assembleia se dividiu em dois blocos para ser feita a contraprova da votação principal, que veio a decidir o "não ao Congresso" e o "sim à Carta Aberta". A mesa teria então sido "forçada a abandonar a sala", afirmando, ao contrário do que numerosos órgãos de Informação referiram, ter encerrado a sessão, sem pôr uma proposta que havia sido admitida, à votação, por não a considerar antagónica com a anterior, embora ela preconizasse a "saída da "Carta Aberta".

A tal orquestração, segundo foi afirmado claramente por Vitor Gonçalves, presidente do Sindicato, teria sido regida pela batuta do Partido Comunista e do Secretariado da Inter.

**Reforço de agressividade — sinal de fraqueza**

O reforço da agressividade da direcção do sindicato dos

Bancários não pode ser desligado dos recentes abandonos e "deserções" sofridas pela "Carta Aberta", das quais destacamos a saída do Sindicato dos Escritórios de Setúbal e os Bancários do Norte. Perante o isolamento, esta direcção que continua a lutar persistentemente pela "construção da verdadeira Central Sindical", que corresponde à formação de uma segunda central sindical minoritária composta pelas direcções que ainda se mantêm na "Carta Aberta", recrudescer na violência verbal das denúncias de "calúnias e golpismos", perante o desespero provocado pela desvinculação dos trabalhadores, que prezam a unidade em torno da central sindical única e reestruturada acima de tudo, da manobra.

Este foi o tom geral da Conferência de Imprensa, de que destacamos afirmações de Vitor Gonçalves, como: "As Assembleias de trabalhadores que têm decidido o abandono da "Carta Aberta" foram manipuladas pelos golpistas".

Perante as decisões dos trabalhadores expressas nas Assembleias Gerais, a esmagadora maioria das quais são contrárias à opção da direcção dos bancários do Sul, estes radicalizam-se progressivamente em vez de corrigir a sua prática., afirmando que as únicas assembleias que reflectem a vontade da classe foram as dos bancários e dos escritórios, por terem sido

talvez as mais concorridas.

Foi negada a representatividade da Comissão Nacional Organizadora do Congresso de Todos os Sindicatos, acusada de apenas representar as direcções sindicais (cerca de 170) que as elegeram, apesar das moções de apoio que têm recebido, tendo a direcção dos bancários chegado a uma conclusão idêntica sobre o processo de formação da "Carta Aberta" que, no entanto, tem recebido sobretudo moções de repúdio. Não é fácil abstrair da realidade do movimento sindical.

Foi finalmente informado que a "Carta Aberta" não tomou ainda posição sobre a participação na Reunião Geral a realizar no próximo dia 23. Aos trabalhadores cabe, mais uma vez, uma palavra a dizer.

**Discussão do regulamento do Congresso**

As Assembleias Gerais dos Bancários do Centro (Coimbra), Capitães, Oficiais Pilotos, Oficiais da Marinha Mercante, Transportes Rodoviários de Lisboa, Electricistas do Sul, Calçado, Malas e Afins do Porto, Tapeçarias, Cordoarias e Similares do Porto e Ferroviários do Sul aprovaram na generalidade o projecto de regulamento do Congresso que os trabalhadores do Comércio e Serviços de Santarém estão ainda a discutir. Registam-se várias moções de repúdio à atitude do grupo conhecido pelo nome de "Carta Aberta", cuja comissão de reacção se reúne entretanto em Lisboa.

O SÉCULO

LISBOA

20 OUT. 1976

**Bancários do Sul**

## Clima da AG foi premeditado

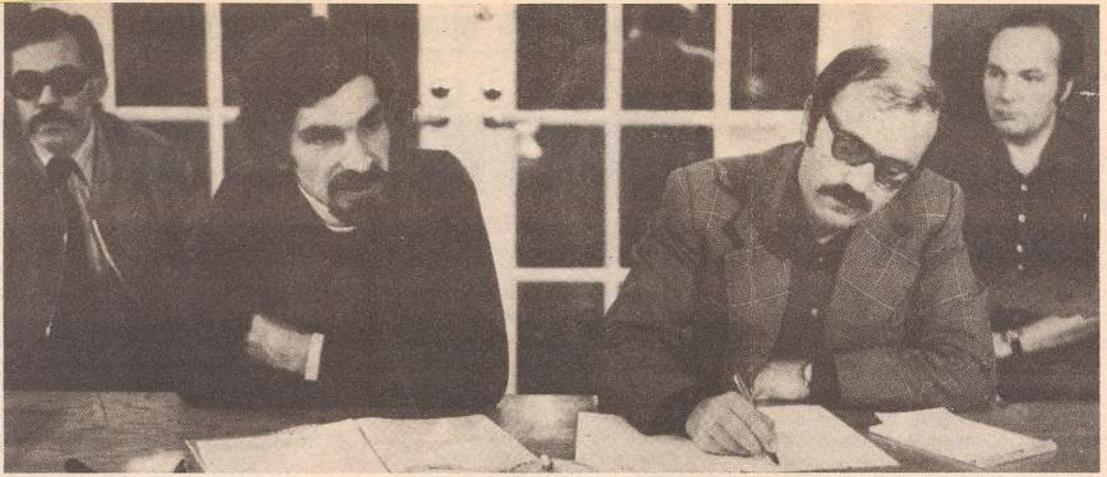
A direcção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas promoveu uma conferência de Imprensa dedicada ao movimento sindical e ao plenário dos bancários efectuado na sexta-feira.

Sobre o primeiro ponto, o presidente do Sindicato referiu as dificuldades dos signatários da Carta Aberta e da Comissão Nacional Organizadora Provisória chegarem a um acordo, pelas posições se tornarem irredutíveis. Afirmando que a formação da CNOP foi um «golpe do próprio Secretariado "a Intersindical"» e que só representa algumas direcções sindicais, considerou que o Congresso de todos os os sin-

dicatos só poderá ser autónomo e democrático se for única e exclusivamente organizado e realizado por uma comissão nacional organizadora que integre todas as correntes de opinião político-sindical, com efectiva expressão no movimento sindical, sem que haja lugar a hegemonias de quaisquer uma delas ou resultantes de alianças que entre si se possam estabelecer.

Por seu lado, o presidente da mesa da Assembleia Geral referiu-se ao clima de violência, calúnia e golpismo (premeditado) em que decorreu a assembleia, provocado por bancários afectos à linha da Intersindical.

20 OUT. 1976



MARQUES VALENTIM

## Sindicato dos Bancários denuncia actuação de caciques

Conforme noticiámos na nossa edição de ontem, os dirigentes do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas concederam uma conferência de imprensa relacionada com a assembleia-geral realizada na última sexta-feira na F.I.L., a qual foi encerrada abruptamente pelo presidente da Mesa devido a uma série de agressões provocadas pelo grupo que «não soube perder», afecto ao secretariado da Intersindical.

A abrir a reunião, e antes de entrar propriamente na questão da agitada assembleia, o presidente da Direcção, Vítor Gonçalves, recordou que «a chamada C.N.O.P. aparece na sequência de um golpe concretizado na Reunião Geral de Sindicatos de 4 de Setembro de 1976, sem a menor representatividade da grande maioria dos trabalhadores, que dela não tiveram conhecimento». Por isso — esclareceu aquele sindicalista — «porque os trabalhadores não tiveram conhecimento, não comparecemos a essa R.G.S. nem aceitamos as resoluções aí tomadas». Vítor Gonçalves referiu, depois, as posições irreduzíveis do secretariado da Inter e da Comissão de Redacção da Carta Aberta, tendo esta feito tudo «para que fossem os trabalhadores a solucionar os problemas». Como prova irrefutável de que a Carta Aberta faz um grande esforço no sentido de serem os trabalhadores a resolverem os problemas relativos ao Congresso, o presidente da Direcção citou o trabalho de mobilização realizado para as últimas assembleias dos Sindicatos dos Escritórios e dos Bancários do Sul e Ilhas, as quais contaram com uma participação invulgar.

### UM TIPO DE DEMOCRACIA

Entrando, seguidamente, no relato de alguns aspectos referentes à assembleia do dia 15, Vítor Gonçalves acusou o secretariado da

de, através da C.N.O.P., tudo ter feito para a desmobilizar. Frisaria que «a linha afectada ao secretariado da Inter não está interessada na unidade e tudo faz para que os trabalhadores se desmobilizem». De resto — salientou — os incidentes da assembleia demonstraram qual o tipo de democracia que o secretariado da Inter pretende. Realçou que numa livre discussão de trabalhadores não tem lugar o clima de terror e falou dos golpes, das calúnias e das tentativas de viciação da votação alimentadas pela Inter. Garantiu que o Sindicato está disposto a mobilizar os trabalhadores, em grandes acções de massas, para impedir um congresso do qual é excluído grande número de trabalhadores.

### CLIMA DE TERROR

Por sua vez, o presidente da Mesa da assembleia-geral, Martinho Gonçalves, referiu-se às atitudes do grupo vencido no plenário da F.I.L., como a «forma de actuação que era habitual o ano passado, isto é, um clima de terror, consubstanciado em agressões». Reconheceu ter sido impotente para salvaguardar a serenidade e o diálogo, «porque existiam forças na assembleia que não estavam interessadas nisso». Martinho Gonçalves teve várias denuncias sobre diversas formas de chantagem exercidas sobre os corpos gerentes, nomeadamente «a chuva de telefonemas anónimos feitos antes para o Sindicato, com ameaças».

A cacigagem do grupo vencido foi firmemente denunciada, tendo o presidente da Mesa afirmado que existiam provas concludentes, pois os caciques perdiam documentos importantes, incluindo um croqui, que chegaram às mãos dos corpos gerentes.

Martinho Gonçalves garantiu que nunca teve dúvidas acerca da primeira votação, referindo, com mágoa, o gru-

po de indivíduos, que quando se apercebeu da derrota, assaltou o local onde se encontravam os dirigentes, concretizando as agressões premeditadas. «A não ser que a votação lhes fosse favorável — disse — o resultado seria sempre esse, porque aquelas pessoas não foram lá para aceitar a democracia». O presidente da Mesa desafiou, seguidamente, qualquer associado a provar a sua parcialidade, declarando preempcionamente que jamais permitirá que «grupos iluminados, com a verdade no bolso, imponham a sua vontade». Disse que acontecimentos como os da última sexta-feira são fomentados para que «os trabalhadores honestos não apareçam nas assembleias», revelando que já vários bancários o contactaram afirmando que não estão dispostos a ser agredidos. Apelou para que os trabalhadores «resistam à ameaça e imoem a desmobilização pretendida pela Inter/C.N.O.P. Terminou com a promessa de tudo fazer para que a vida do Sindicato seja o reflexo da vontade da maioria».

### APOIO À DIRECÇÃO E NÃO PAGAMENTO DE QUOTAS À INTERSINDICAL

Na mocção aprovada durante a assembleia-geral da F.I.L., afirma-se que a classe deliberou «apoiar intransigentemente a Direcção do nosso Sindicato na luta que vem travando pela autonomia, democraticidade e unidade orgânica do movimento sindical português», ao mesmo tempo que se identificam com «os princípios e propostas decorrentes da Carta Aberta». Por outro lado, decidiram «não reconhecer a chamada Comissão Nacional Organizadora Provisória» e «repudiar as calúnias que vêm sendo difundidas a partir do secretariado da Intersindical». Ficou ainda presente a não participação no II Congresso da Intersindical e o não pagamento de quotas a esta organização.

20 OUT. 1976

**Direcção do Sindicato em conferência de Imprensa:****Bancários do Sul e Ilhas votaram mesmo "Carta Aberta"**

«Não temos dúvidas de que os trabalhadores que votaram Carta Aberta estavam em maioria na assembleia, pelo que não há necessidade de recorrer a um referendo», afirmou Vitor Gonçalves, presidente da direcção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, durante uma conferência de Imprensa que, ontem, se realizou para dar conhecimento público dos factos ocorridos na assembleia geral do passado dia 15.

Conforme referimos na nossa edição de anteontem, a reunião, que se realizou na Feira Internacional de Lisboa com a presença de mais de seis mil trabalhadores, terminou, embora de forma bastante agitada, com a decisão de permanência da direcção dos Bancários do Sul e Ilhas na Carta Aberta e, portanto, a não integração na Comissão Nacional Organizadora Provisória do Congresso dos Sindicatos.

Começando por reafirmar a intenção de as direcções sindicais da «Carta Aberta» construírem uma «sólida e activa unidade» do movimento sindical, «através de um Congresso autónomo e democrático de todos os sindicatos portugueses», os dirigentes bancários rejeitam, portanto, «as manobras da linha afecta ao Secretariado da Intersindical» que consideram «estar a marginalizar centenas de milhares de trabalhadores que com ela não concordam».

Nesse sentido, salientou Vitor Gonçalves, se insere «o clima de terror que foi implantado na assembleia dos Bancários, a exemplo do que se passara na reunião dos Escritórios, através da calúnia e da agressão, com a intenção deliberada de viciar a votação».

O ambiente gerado «de uma forma orquestrada» aponta no sentido da «desmobilização de grande parte dos trabalhadores», pelo que deve constituir, antes do mais, um alerta a todos os trabalhadores do País «para que não acabe por ser parcela a construir uma central única».

**Explicações do presidente da mesa**

Propriamente quanto aos acontecimentos ocorridos na assembleia, narrados pelo presidente da mesa, foi de novo sublinhado o «ambiente de terror imposto por elementos affectos ao Secretariado da Inter, não obstante os esforços dos elementos da mesa para salvaguardar um ambiente de serenidade».

Aliás, a direcção sindical dos Bancários «tinha já conhecimento, por intermédio de ameaças telefónicas, de uma manobra orquestrada para perturbar o plenário».

Na altura das votações, a mesa «não teve quaisquer dúvidas, devido à sua posição estratégica na sala, de que a proposta de apoio à «Carta Aberta» tinha sido aprovada». A contraprova foi considerada «como uma comprovação clara do resultado», apesar «da tentativa de um dos blocos, por intermédio da confrontação física e da arruaça, em impedir os restantes trabalhadores de se descolarem para o outro lado».

Estes factos, segundo o presidente da mesa da A. G. dos Bancários, podem ser comprovados «não só pelas gravações existentes, mas também por documentos encontrados na sala, em que estão assinalados os nomes de pessoas responsáveis

pelos diversos sectores a manobram no plenário».

Finalmente, Vitor Gonçalves voltou a usar da palavra, referenciando a «campanha de calúnia, violência e golpismo» que o Secretariado da Inter tem mantido contra a direcção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, «prova evidente da sua prática antidemocrática».

**Plenário em Lisboa**

Cerca de mil e duzentos trabalhadores filiados no Sindicato dos

Bancários do Sul e Ilhas reunidos ontem à noite em assembleia geral no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, discutiram a revisão do respectivo contrato colectivo de trabalho.

A discussão — considerada «positiva» por um dirigente sindical — incidiu sobre «prestação de trabalho» sobre cujo tema foram apresentadas no início da reunião trinta e nove propostas, visando muitas delas apenas alterações de pormenor.

A questão mais polémica terá sido a do horário de trabalho. A este respeito, os bancários abdicam do actual regime (das 9 horas ao meio-dia e das 14 às 18 horas), acordando desfazamentos institucionais e mesmo um horário contínuo, mas não aceitando trabalhar mais que as actuais 35 horas semanais.

O capítulo sobre «suspensão da prestação de trabalho» não chegou a ser discutido, devido ao adiantado da hora, pelo que transita para discussão na próxima assembleia geral, a realizar amanhã, igualmente no Pavilhão dos Desportos.

PUBLICIDADE

**SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS****ASSEMBLEIA GERAL**

(SESSÃO EXTRAORDINÁRIA)

Julho  
20/10/76

**CONVOCATÓRIA**

Ao abrigo do Art.º 25 e alínea b) do Art.º 24, convoca-se a continuação da Assembleia Geral do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas iniciada em 8/10/76 — em Sessão Extraordinária:

DIA 19 DE OUTUBRO DE 1976 AS 20,30 HORAS  
DIA 21 DE OUTUBRO DE 1976 AS 20,30 HORAS  
DIA 23 DE OUTUBRO DE 1976 AS 15 HORAS

PAVILHAO  
DOS  
DESPORTOS — LISBOA

**ORDEM DE TRABALHOS:****Ponto Único**

— REVISÃO DO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO

Lx. 11/10/76

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

a) **Alberto Martinho Gonçalves****IMPORTANTE:**

— Para ingresso na sala da Assembleia Geral é obrigatório a apresentação do CARTÃO DE SÓCIO efectivo do Sindicato ou CREDENCIAL PASSADA PELO SINDICATO E OUTRO DOCUMENTO IDENTIFICATIVO.

— Todos os sócios devem preencher e assinar a folha de presença à entrada.

— A Assembleia Geral terá início à Hora marcada com qualquer número de sócios, de acordo com os Estatutos.

20 OUT. 1976

## AINDA A ASSEMBLEIA DOS BANCÁRIOS

A DIRECÇÃO DO SINDICATO  
DIVULGOU A SUA VERSÃO

A direcção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas convocou uma conferência de Imprensa durante a qual divulgou a sua versão da última assembleia geral realizada na F. I. L., na passada sexta-feira.

«Esta assembleia geral demonstrou clara e inequivocamente que os trabalhadores apoiam firme e conscientemente os princípios que vêm sendo

defendidos pelas direcções Sindicais Democráticas com vista à construção de uma sólida e activa Unidade, através de um Congresso autónomo e democrático de todos os sindicatos portugueses, sejam eles filiados ou não na Intersindical; demonstrou, também à evidência, que as correntes de opinião político-sindical que não querem a *democracia*, que não querem a Unidade, recorrem — como o fizeram nessa noite — a todos os processos para a desmobilização dos trabalhadores, visando impedi-los de construir autonomamente a Unidade por que anseiam» — afirmou um elemento da direcção.

No decorrer da conferência de Imprensa foi feito um ataque cerrado aos elementos afectos à linha do Secretariado da Intersindical, com alusão ao «terror» e «agressões» que teriam desencadeado na referida assembleia geral que o «Diário Popular» relatou no sábado.

O presidente da mesa da assembleia geral falou a seguir para dar igualmente a sua visão dos acontecimentos.

«A mesa da Assembleia Geral considera que a forma lamentável como a Assembleia decorreu é resultado de uma nítida orquestração por parte de forças que visam a manipulação dos trabalhadores. Na verdade, logo nas primeiras votações ressaltou claramente essa realidade, pois foi perfeitamente visível a deslocação de certos peões assim como a atitude incorrecta de determinados sócios que votavam com os dois braços levantados e/ou em cima das cadeiras, tudo isto acompanhado de gritos e atitudes caluniosas e terroristas» — disse.

Entretanto, a direcção tornou

pública uma carta da Comissão de Trabalhadores do Banco Totta e Açores (Zona Sul) na qual se rectifica uma passagem da notícia do «D. P.» relativa à Assembleia da F. I. L. Segundo aquela carta, uma das propostas apresentadas na Assembleia Geral não era de todos os trabalhadores daquele Banco, mas sim de um grupo de bancários do Totta & Açores (delegação da Avenida 24 de Julho).

O DIA

LISBOA

20 OUT. 1976

Bancários do Sul garantem:

Há provas documentais  
de que forças «unicitárias»  
orquestraram um boicote  
à assembleia geral do dia 15

• *A mesa foi assaltada e agredida com garrafas de cerveja*

Os corpos gerentes do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas anunciaram ontem, em conferência de Imprensa, que têm em seu poder provas documentais de que elementos afectos à linha político-sindical do secretariado da Intersindical «orquestraram» cuidadosamente um boicote à assembleia geral daquele organismo que, há dias, na FIL, terminou com cenas de violência generalizada entre os presentes, incluindo agressões de sócios daquela tendência a dirigentes do sindicato que se viram forçados a encerrar a sessão.

Como noticiámos oportunamente, a violência eclodiu quando a mesa que conduzia os trabalhos considerou aprovada por maioria uma proposta em que era apoiada a direcção do referido sindicato, identificada com os princípios da «Carta Aberta», e rejeitada a participação daquele no «II Congresso da Intersindical», promovido por forças a esta afectas. Embora os incidentes então verificados fossem desde logo inter-

pretados por observadores como mais uma, peça da estratégia desenvolvida pelas forças «unicitárias» para tentar destronar, antes do anunciado Congresso, alguns dos principais bastiões dos sindicatos da linha democrática (bancários e escritórios), só ontem vieram a lume alguns factos que poderão falar por si.

Com efeito, entre a documentação perdida no pavilhão da FIL durante a «batalha campal» do dia 15, os corpos gerentes dos bancários encontraram um «croquis» com a indicação pormenorizada da forma de disposição dos grupos de boicotadores na sala, e instruções dadas aos maiores activistas, os quais deveriam actuar como «espelhos» orientadores dos restantes grupos dispersos.

A encenação do «clima de terror» por parte dos «unicitários» era ainda completada, segundo foi ontem afirmado, pela «marcação» de alguns bancários próximos da direcção actual (afecta ao PS) e pela formação de

cordões com que os activistas, ao pontapé e ao murro, tentaram impedir muitos dos cerca de cinco mil presentes de passarem para um dos lados da sala, quando foi necessário dividir em dois blocos os que, por braço no ar, aprovavam ou rejeitavam a referida proposta.

No decorrer do encontro com os jornalistas, os corpos gerentes dos bancários que condenaram duramente «os golpistas que querem evitar que os trabalhadores assumam os seus pontos de vista» — esclareceram também que, ao contrário do que afirmam os «unicitários» a mesa da assembleia geral deu por encerrados os trabalhos (após ser assaltada e agredida com garrafas de cerveja) como poderá ser comprovado pela gravação magnética da assembleia. Acrescentaram, ainda, que, já antes do início da assembleia, tinham chegado ao Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas telefonemas anónimos anunciando que «a mesa ia ser corrida como na assembleia dos escritórios».

Cenitral 20/10/76

«A violência, a calúnia, o golpismo não servem os interesses dos trabalhadores», afirmaram em conferência de imprensa elementos da direcção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, de certo modo a propósito do que se passou na última reunião geral de sócios daquele sindicato, efectuada na passada 6.ª feira.

# DIRECÇÃO DE BANCÁRIOS DENUNCIA «CLIMA DE TERROR» EM ASSEMBLEIAS

Mais adiante, concretizando a sua anterior afirmação, os promotores do encontro com os representantes dos órgãos da comunicação social passaram a analisar pormenorizadamente todo o decorrer da assembleia, colocando à disposição dos jornalistas uma gravação da mesma.

Em síntese, os corpos gerentes dos Bancários consideram que «o clima de terror, orquestradamente implantado no seio das assembleias de massas por elementos conhecidos como afectos à Intersindical visa impôr a todos aquela central sindical e impedir que os elementos afectos à Carta Aberta se pronunciem». Aberta». Reclamando para si a verdade quanto à versão do desenrolar dos acontecimentos na assembleia, «uma vez que nos encontrávamos numa posição estratégica, donde era possível ver perfeitamente toda a sala», a direcção dos Bancários afirmou não ter qualquer intenção de auscultar a classe, através de referendo, sobre a adesão ao grupo «Carta Aberta».

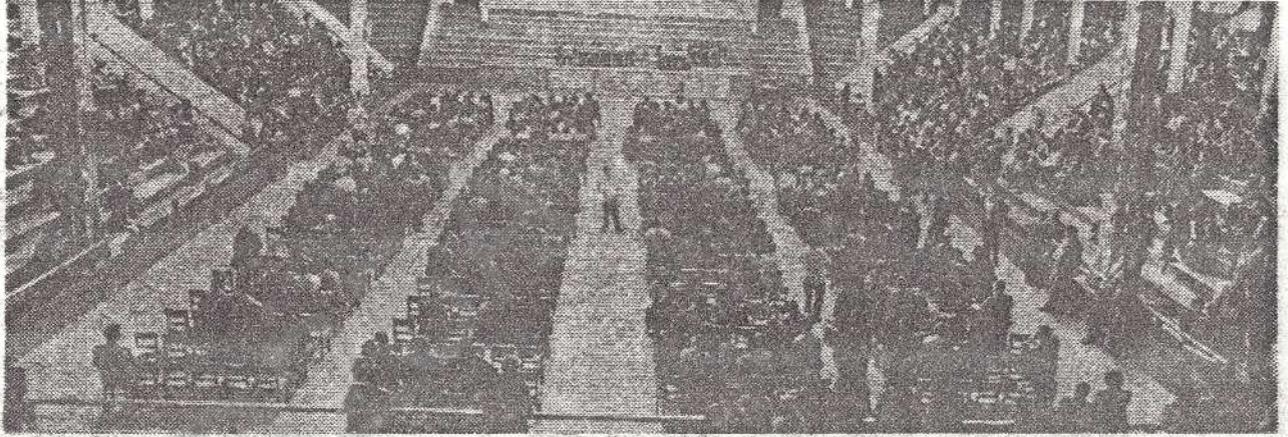
diem formar uma segunda central sindical, «mas que lutariam pela criação de uma central sindical, única e democrática».

Recordé-se, entretanto, que sindicatos ligados aos «Carta Aberta» se afastaram já daquele grupo considerando que o que ele visa, na prática, é a «divisão do movimento sindical», a criação de, pelo menos, duas centrais sindicais — uma afecta à Intersindical, outra à «Carta Aberta».

## Dirigente demite-se

Ainda na sequência dos acontecimentos da assembleia da passada sexta-feira, apressetou demissão do cargo que ocupava na direcção o sindicalista Telmo Vieira, alegando «divergências com a maneira como têm sido conduzidos, pela direcção, os trabalhos relacionados com o Congresso de todos os Sindicatos».

O mesmo dirigente considera ainda que a direcção do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas afecta ao grupo «Carta Aberta», «se tem mostrado tendente à cisão do movimento sindical, abrindo a porta ao pluralismo sindical».



## Assembleia discute projecto de C.C.T.

A discussão de três alternativas de horário de trabalho, a inserir no projecto de revisão do C.C.T., constituiu o tema principal da assembleia geral do Sindicato do Sul e Ilhas, ontem efectuada no Pavilhão dos Desportos. Totalizando 35 horas semanais, as alternativas apresentadas e que estão contidas na proposta de C.C.T. apresentada à classe pelo grupo da contratação, diferem essencialmente por preconizarem um único tipo de horário (para Verão e Inverno) ou por dois tipos (um de 1 de Maio a 31 de Outubro e outro para a restante parte do ano).

Muito embora nenhuma das propostas tivesse sido aprova-

da, o projecto de C.C.T. foi já aprovado na generalidade até ao ponto em que foi discutido. Segundo nos referiu um elemento da direcção do sindicato, o presente projecto tem como pontos base fundamentais a intervenção das estruturas dos trabalhadores no controlo das empresas e facilita e aponta medidas com vista às

fusões e reestruturação da banca. Quanto às reivindicações salariais, elas terão apenas em vista contrabalançar o aumento do custo de vida e da inflação, calculado segundo os dados do Banco de Portugal e da O.C.D.E., não se traduzindo no vencimento base, mas em diversos tipos de salários indirectos. Com a mesma ordem de

Aspecto da reunião dos bancários ontem, à noite

trabalhos — discussão do projecto de CCT — a assembleia volta reunir amanhã, no Pavilhão dos Desportos, às 20 e 30.

19 OUT. 1976

# BANCÁRIOS DO SUL CONTRA GOLPISMOS

Realizou-se, no passado dia 15, a assembleia geral dos Trabalhadores Bancários do Sul e Ilhas — acontecimento de maior significado não só para os associados do Sindicato, mas, também, para todos os trabalhadores do País.

Segundo um comunicado distribuído à classe, a Direcção afirma: «A assembleia geral demonstrou clara e inequivocamente que os trabalhadores apoiam firme e conscientemente os princípios que vêm sendo defendidos pelas direcções sindicais democráticas, com vista à construção de uma sólida e activa unidade, através de um congresso autónomo e democrático de todos os sindicatos portugueses, sejam eles filiados ou não na Intersindical; demonstrou, também, à evidência, que as correntes de opinião político-sindical que não querem a democracia, que não querem a unidade, recorrem — como o fizeram nessa noite — a todos os processos para a desmobilização dos trabalhadores, visando impedi-los de construir autonomamente a unidade por que anseiam».

Diz, ainda, o comunicado, que «esta é a prática em que se inseriram as agressões aos corpos gerentes do nosso Sindicato, aos delegados sindicais e aos trabalhadores que defendem os princípios decorrentes da «Carta Aberta», por parte de elementos notoriamente conhecidos como afectos à linha de actuação política do Secretariado da Intersindical (dentre os quais se destacaram membros da anterior direcção)».

No referido documento afirma-se, ainda: «É neste quadro que, a pretexto da chamada «batalha da produção», se assistiu, a assembleias de trabalhadores presididas por militares, à criação dos SUV's nas empresas, à organização da violência e da calúnia que cavaram profundamente a divisão no seio dos trabalhadores, ao impedimento de que estes elegessem livre e democraticamente as suas organizações de classe».

No comunicado fala-se, também, no «clima de terror que tais grupos orquestradamente implantam no seio das assembleias de massas, não é de agora, constituindo antes o reflexo da prática seguida a coberto da lei da unicidade que tinha por objectivo colocar os sindicatos na dependência do Estado e impedir a constituição e o funcionamento das comissões de trabalhadores.»

## ENCONTRO SOCIAL-DEMOCRATA EM COIMBRA

Entretanto, segundo um comunicado do sector socioprofissional dos bancários (P.S.D.), «nos próximos dias 6 e 7 de Novembro, a Comissão Coordenadora dos Trabalhadores Bancários do PPD/PSD leva a efeito em Coimbra, o 1.º Encontro Nacional de Bancários Sociais-Democratas. Este Encontro surge na sequência de numerosas sugestões provenientes de vários núcleos daquele sector socioprofissional e visa aprofundar, numa

óptica socialista-humanista, a reflexão sobre problemas de carácter económico, político e sindical, face à actual situação portuguesa.

Temas como a economia do país, neste momento, a contratação colectiva, formação e rentabilidade profissional, organizações de trabalhadores e seu papel na construção da nova sociedade portuguesa constituirão o fulcro das comunicações aí presentes e dos debates que se lhes seguirão.

Espera-se ainda que do encontro surjam propostas concretas quanto a questões prementes no âmbito do sector bancário, nomeadamente a reestruturação da Banca, a sua replantação regional, o crédito agrícola e às exportações nacionais, e eventuais financiamentos estrangeiros, etc.

As sessões de trabalho estarão abertas aos sociais-democratas, ligados a este sector da actividade nacional que, para o efeito, se inscrevam, junto da respectiva Comissão Organizadora».

DLx  
19/10/1976

## Direcção dos Bancários do Sul afirma-se vítima de "manobra"

Para dar versão «oficial» (entenda-se: da Direcção) dos acontecimentos registados na Assembleia Geral do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, que decorreu na passada sexta-feira na F. I. L., realizou-se esta manhã na sede deste sindicato uma conferência de Imprensa. Estavam representados numerosos órgãos da Informação, entre eles, ao que depreendemos do volumoso equipamento, a RTP, organismo cuja presença não tem sido muito assídua em outras conferências de Imprensa sobre questões sindicais.

O presidente da Direcção começou por se referir a uma campanha de «calúnia, violência, golpismo» contra o sindicato, campanha essa que, conforme acrescentou, não desmobilizará a luta que trava pela «autonomia sindical», pela «democracia dos trabalhadores». De um modo geral, aquele dirigente reiterou a fidelidade à «Carta Aberta» e evocou, já na parte final da conferência de Imprensa, e a pergunta nossa, que só os Bancários do Sul e Ilhas e os Escritórios de Lisboa têm procedido aos debates exaustivos no seio da classe, com vista ao congresso (no caso, certamente, o propugnado — pela «Carta Aberta» — Congresso Democrático de Todos os Sindicatos para a Unidade). Como exemplos desse debate apontou os

recentes e muito controversos plenários dos Escritórios (este não chegou ao fim) e dos Bancários do Sul (este estatutariamente encerrado, na versão dada).

Propriamente quanto ao plenário dos Bancários, foi denunciada a existência de uma «manobra concertada», de que a Direcção já teria conhecimento prévio e da qual afirma dispor de provas deixadas pelos «manobradadores».

Essa manobra — pormenorizaria o presidente da mesa da assembleia visava, por processos vários por ele apontados, conseguir fazer triunfar uma proposta (que não chegou a ser votada) na qual se propunha o desvinculamento do sindicato da «Carta Aberta». Com a vitória da moção votada — vitória que o presidente da mesa considerava já como certa na altura em que afirmou lhe «parecer» existir, mas que sujeitou à prova quando dividiu a sala por sectores — tal «manobra» teria falhado, pelo que os seus «agentes» teriam decidido criar um clima de violência que lhe impediu a continuação dos trabalhos. Esta, como é sabido, não é a opinião do largo sector que se manifestou contra os processos usados na votação, considerando-os inevitavelmente falíveis, numa assembleia em que estavam presentes cerca de seis mil trabalhadores.

Mais virulento do que o presidente da mesa da assembleia geral, que se limitou a relatar pontualmente factos tal como ele os viu — disse — «do local estratégico da mesa, o único de onde se poderia abarcar a assembleia», foi o presidente da direcção do sindicato. Este não hesitou em atribuir a manobra a um partido, o Partido Comunista, e à linha que considerou afecta à Intersindical.

Notória a menção ao modo como os jornais se referiram ao congresso, com acerba crítica ao «Diário de Lisboa», ao «Diário» e ao «Diário Popular». O presidente da direcção do sindicato não teve reboço em se dirigir à «outra Imprensa» para que dissesse a «verdade», facto que a nós, «D.L.» não sugere qualquer comentário.

19 OUT. 1976

## Bancários denunciam clima de terror

O clima de terror provocado por grupos antidemocráticos, a chantagem feita através de telefonemas anónimos, e sistemas de cacicagem provocados devido a documentos achados, constituíram alguns dos temas dissecados esta manhã, durante uma conferência de Imprensa, concedida pelos corpos gerentes do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, a propósito da última assembleia-geral realizada na FII, durante a qual foi, por maioria, reafirmada a adesão aos princípios da «Carta Aberta» e confirmado o repúdio à linha do secretariado da Intersindical e, consequentemente, à chamada CNOP.

Durante a reunião com os representantes dos órgãos de Informação, os dirigentes do Sindicato dos Bancários denunciaram com firmeza as tentativas do secretariado da Intersindical no sentido de não ser conseguida a real unidade dos trabalhadores portugueses. Na verdade — foi dito — aquele secretariado tudo vem fazendo para que os trabalhadores se desmobilizem.

Na nossa edição de amanhã, publicaremos o relato circunstanciado da conferência de Imprensa.

Capital 20/10/76

PUBLICIDADE

### SINDICATO DE GARAGENS POSTOS DE ABASTECIMENTO TRANSPORTES E OFÍCIOS CORRELATIVOS DO CENTRO E SUL

Abrangendo os distritos de Beja, Castelo Branco, Évora, Faro, Leiria Lisboa, Portalegre, Santarém e Setúbal

AV. ALMIRANTE REIS, 45-1. — LISBOA-1

## MOÇÃO

Considerando que após dois anos e sete meses do 25 de Abril os Pides aguardaram comodamente em suas casas a espera dos julgamentos sem que o Governo se apresse a dar andamento aos mesmos julgamentos!

Considerando que os bombistas não foram imediatamente julgados pondo assim em perigo a vida de todos os trabalhadores!

Considerando que o Governo pede trabalho e os Juizes prendem os trabalhadores; considerando que um motorista e um cobrador dos Claras protestaram que um carro do Sr. Dr. Juiz da Comarca da Golegã está estacionado contra a lei em verdadeira transgressão!

Considerando que o mesmo Juiz foi chamado, para tirar o carro pondo assim em atraso dezenas de trabalhadores por o autocarro não poder levar os trabalhadores aos seus empregos!

O mesmo Juiz «chateado» com o vexame deu ordem de captura ao motorista e cobrador, julgando-os imediatamente com as seguintes penas: 300CS00 de multa ao motorista e 15 dias de prisão ao cobrador.

Movendo-se o Sindicato das Garagens e os trabalhadores seus associados exigiram embora com recurso a imediata liberdade do seu camarada.

Em plenário, em Torres Novas, foi aprovada pelos trabalhadores como medida imediata a suspensão do itinerário que se faz dentro da Golegã, junto à agência.

Que quando o cobrador Vítor Fanha Rodrigues for a julgamento que não vá só, porque derivado à injustiça praticada pelo competentíssimo Juiz, os trabalhadores da R. N. irão nesse dia todos ao Tribunal para que sejam julgados juntamente com o seu camarada.

Cópia desta moção será enviada aos jornais «D. P.», «O Diário», «Diário de Lisboa», «A Capital», Ministério da Justiça, Ministério do Trabalho, Primeiro-Ministro, Presidente da República e Assembleia da República.

ESTA MOÇÃO FOI APROVADA POR UNANIMIDADE E ACLAMAÇÃO

Torres Novas, 19 de Outubro de 1976.

O Presidente da Direcção,  
a) José Eduardo M. Borges

## «Não» dos bancários ao Congresso

Novo  
19/10/76

O Sindicato dos Bancários de Lisboa mantém a posição de recusar participar na Comissão Nacional Organizadora Provisória do Congresso dos Sindicatos, patrocinada pela Intersindical, e de defesa dos princípios da «Carta Aberta», conforme vontade claramente expressa pela maioria na assembleia geral dos bancários do passado dia 15. Em Conferência de Imprensa realizada, esta manhã, na sede do Sindicato, elementos da direcção expuseram aos órgãos de comunicação social a sua intransigência quanto a um ponto que consideram fundamental: «não poderá

ser uma parcela de trabalhadores a construir uma central que a todos pertencerá»

O presidente da Mesa da Assembleia Geral do Sindicato dos Bancários de Lisboa fez, de seguida, uma pormenorizada exposição do que se passou na assembleia do dia 15 que, como se sabe, teve de ser encerrada face ao «clima de terror» e violência fomentado por um grupo minoritário afectado ao Secretariado da Inter. Já antes do início dos Trabalhos da Assembleia tinham chegado ao Sindicato telefonemas da Assembleia tinham chegado ao Sindicato telefonemas,

anónimos anunciando que «a mesa ia ser corrida, como aconteceu na assembleia dos Escritórios». De resto, documentação perdida na «batalha campal» em que redundou a Assembleia dos Bancários do dia 15 comprova que a arruaça foi cuidadosamente preparada pela corrente afectada ao Secretariado da Inter/PCP: foi encontrado um «croquis», com a indicação da disposição dos grupos na sala e orientações dadas aos activistas que deveriam funcionar como «espelhos» (sic) para o resto dos grupos dispersos. A violência eclodiu quando se repetiu a contagem da votação para aprovação

do apoio à «Carta Aberta»: a mesa pediu que os mais de seis mil associados se dividissem em dois grupos, em lados opostos da sala, consoante apoiassem ou não a moção apresentada. Imediatamente, os activistas afectos ao Secretariado da Inter correram para o meio da sala, formando um cordão e, ao pontapé e ao muro, tentaram impedir a maioria de passar para o lado contrário. A mesa foi assaltada e atacada com garrafas de cerveja.

Na contingência, e como o comprova a gravação magnética da Assembleia, a mesa deu por encerrados os trabalhos.